

VI EDIÇÃO DO PRÉMIO IBERO-AMERICANO **SM**
DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
2010

CANDIDATURA DE PORTUGAL PARA LUÍSA DUCLA SOARES

A Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) / Ministério da Cultura de Portugal, congratula-se com a apresentação da candidatura de Luisa Ducla Soares ao VI Prémio SM de Literatura Infantil e Juvenil.

A extensão da obra de Luísa Ducla Soares (n.1939) é impressionante: tem mais de 100 livros de literatura para crianças, com múltiplas edições, para além de um importante trabalho na área da pedagogia.

É admirável a actualidade da sua escrita, pelo humor e frescura, pela capacidade de surpreender, de recorrer ao *nonsense*, ao absurdo, para criar situações de uma imensa humanidade e ternura. Como se aliasse uma inteira liberdade a uma simplicidade tocante, fácil, e por essa via convocasse o seu público infantil para um conjunto de valores de tolerância e respeito, essencialmente, de grandeza humana fundamental.

A narrativa de Luísa é sobretudo curta, muito lúdica e expressiva, extremamente divertida e absolutamente sedutora para o leitor infantil, que se sente próximo e tocado pela mesma graça.

Ela questiona, do ponto de vista temático, os padrões da 'normalidade' instituída: afronta preconceitos e propõe o elogio da diferença, critica o consumo excessivo e faz apelo a valores ecológicos e à importância da conservação da natureza e da preservação do meio ambiente. E sobretudo, estimula o conhecimento da diversidade do mundo, dos povos e das culturas que nos rodeiam, apelando, sem moralismos, à multiculturalidade e à riqueza que dela decorre.

Eis os motivos que embora sumariamente descritos fundamentam amplamente a escolha de Luísa Ducla Soares como candidata a este Prémio.



«Talvez sejam frequentes os afectos que me induzem a pegar na lapiseira e a escrever. Escrevo por amor, raiva, indignação, muitas vezes. Os afectos desencadeiam uma premência de expressão.»

Luísa Ducla Soares

Luisa Ducla Soares
[Lisboa, 1939]

Considerada uma das mais relevantes escritoras portuguesas na área da literatura infantil, Maria Luísa Bliebernicht Ducla Soares de Sottomayor Cardia esteve ligada ao grupo da revista *Poesia 61* – que pretendia fundar em Portugal uma escola poética de cariz experimentalista, alternativa ao neo-realismo e ao surrealismo então em voga – e estreou-se em 1970 com o volume de poesia *Contrato*, embora poemas seus já surgissem em várias revistas e jornais desde 1951.

Em 1972 publicou o seu primeiro livro para crianças: *A história da papoila*, ao qual foi atribuído, no ano seguinte, o Grande Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, do Secretariado Nacional de Informação (SNI) que Luísa Ducla Soares recusou por razões políticas.

Dedicou-se, desde então, à literatura para a infância e juventude, não só enquanto escritora mas também como estudiosa, participando regularmente em congressos e em projectos de divulgação e animação cultural em escolas e bibliotecas. Luísa Ducla Soares considera que o contacto directo com o público infantil é da maior importância para a promoção da leitura: «A escrita para crianças tem de ser, antes de mais, comunicação, e a recepção deles é essencial para que eu perceba se uma mensagem passa ou não.»

No decurso da sua actividade profissional, da qual se retirou recentemente, foi assessora e responsável pela Área de Pesquisa e Informação Bibliográfica da Biblioteca Nacional – desenvolveu trabalhos de investigação bibliográfica com vista à organização de diversas exposições e catálogos sobre Literatura Infantil.

Saliente-se ainda a participação da autora, por convite de João de Lemos, no suplemento infantil do *Diário Popular* (1972-1976) – em «O Doutor Sabichão» e depois no «Sábado Popular» – periódico onde surgiram diversos contos seus, tendo vários outros sido completamente cortados pela Censura. Foi este o caso de «O soldado João», no qual a autora abordava o problema da guerra colonial; o conto seria editado mais tarde, em volume autónomo.

Luísa Ducla Soares participou na revista didáctica *Rua Sésamo* (1990-1995) e os seus textos de ficção, poesia, artigos e crónicas surgem regularmente na imprensa portuguesa.

Segundo a autora, os livros de Júlio Verne e de Eça de Queirós estiveram na origem do seu gosto pela leitura e pela escrita. Durante as Comemorações do Centenário da morte do autor português (2000), homenageou-o através da publicação de três livros dedicados aos jovens: *Com Eça de Queirós à roda do Chiado* (1999), *Com Eça de Queirós nos Olivais no ano 2000* (2000) e *Seis Contos de Eça de Queirós* (2000). «Convidei os meus leitores a passear pelos locais de Lisboa que o Eça refere. Fiz, assim, um roteiro da Lisboa queirosiana à volta do Chiado. [...] O meu objectivo foi abrir o apetite para ler o Eça a um público onde geralmente não chega – as crianças, que, no entanto, são muito sensíveis ao seu humor.»

O mesmo humor que, aliado à fantasia e ao *non-sense*, constitui uma das marcas distintivas da obra da autora: a irreverência da narrativa, chamando a atenção do leitor para situações absurdas e comportamentos determinados pelo preconceito, desmontados através de jogos de palavras, contribui para a tomada de consciência, por parte dos jovens, de uma multiplicidade de possíveis interpretações do mundo em que vivem.

A par das actividades referidas, Luísa Ducla Soares escreveu o guião dos vinte e seis capítulos que constituem «Alhos e Bugalhos», série televisiva sobre a língua portuguesa, transmitida pela RTP durante as Comemorações do Ano Europeu das Línguas (2001). No campo musical editou, em 1999, um CD intitulado "25", com letras de sua autoria e música de Susana Ralha, seguido de 2 livros contendo CDs, um da mesma compositora, "O canto dos bichos" e outro com música de Daniel Completo, intitulado "Brincar com as palavras". A UNICEF e a OIKOS organizaram em 1990 uma maleta pedagógica baseada no conto «Meninos de todas as cores», como apoio ao projecto escolar e exposição «Um Mundo de Crianças».

Autora muito apreciada pelo público e pela crítica, Luísa Ducla Soares viu em 1986 o seu livro *6 histórias de encantar* receber o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças pelo Melhor Texto do Biénio 1984-1985. Dez anos mais tarde foi-lhe atribuído o Prémio Calouste Gulbenkian pelo conjunto da sua multifacetada obra.

Em 2004 foi nomeada para o Prémio Hans Christian Andersen da IBBY (International Board on Books for Young People), considerado o Prémio Nobel da Literatura para a Infância.

É indiscutível o lugar que a obra de Luísa Ducla Soares ocupa no cânone da literatura portuguesa contemporânea para a infância, em

que os textos revelam unanimemente opiniões favoráveis, tanto ao nível da crítica como no que respeita à sua recepção pelas crianças. Luísa Ducla Soares é uma escritora de merecida distinção tendo, só na área da literatura infanto-juvenil, mais 100 livros publicados.

Bibliografia

Poesia

Antologia de Poesia Universitária, 1964

Poesia Portuguesa do Pós-Guerra: 1945-1965, (em colaboração com Serafim Ferreira), 1965

Contrato, 1970

Poesia 70 (em colaboração com Egito Gonçalves), 1971

800 Anos de Poesia Portuguesa: Dos Trovadores aos Poetas Contemporâneos (em colaboração com Serafim Ferreira), 1973

Outros

Inquérito ao Livro Infantil (em colaboração com Soledade Martinho Costa), 1980

Vamos Descobrir as Bibliotecas, 1998

Lisboa de José Rodrigues Miguéis, 2001

Roteiro de José Rodrigues Miguéis: do Castelo ao Camões, 2001

Alhos e Bugalhos, 2001 (2 vídeos sobre língua portuguesa com livro de apoio para professores)

Infanto-juvenil

A História da Papoila, 1972 ; 1977

Maria Papoila, 1973 ; 1977

Doutor Lauro e o Dinossauro, 1973 ; 1988 ; 2007

O Gato e o Rato, 1973 ; 1977 ; 2005

O Ratinho Marinheiro, 1973 ; 2001; 2006; 2009

O Soldado João, 1973 ; 2002 ; 2007; 2009

O Urso e a Formiga, 1973 ; 2002; 2010

Oito Histórias Infantis, 1975

O Meio Galo e Outras Histórias, 1976 ; 1982; 1986; 1999; 2001

AEIOU: História das Cinco Vogais, 1980 ; 1987; 1999 ; 2002; 2006; 2007; 2008; 2009

O Rapaz Magro, a Rapariga Gorda, 1980 ; 1984

Histórias de Bichos, 1981

Lagarto Pintado, 1981

O Menino e a Nuvem, 1981 ; 2009

O Dragão, 1982 ; 2002

O Rapaz do Nariz Comprido, 1982 ; 1984

O Sultão Solimão e o Criado Maldonado, 1982

Três Histórias do Futuro, 1982; 2004; 2007

Poemas da Mentira... e da Verdade, 1983 ; 1999; 2007; 2009

A Princesa da Chuva, 1984; 2005

O Homem Alto, a Mulher baixinha, 1985

O Homem das Barbas, 1984
O Senhor Forte, 1984
6 Histórias de Encantar, 1985 ; 2003
A Menina Boa, 1985
A Menina Branca, o Rapaz Preto, 1985
De Que São Feitos os Sonhos: A Antologia Diferente, 1985 ; 1994
O Senhor Pouca Sorte, 1985
A Vassoura Mágica, 1986; 1988; 1990; 2000; 2001; 2007; 2008
A Menina Verde, 1987
O Fantasma, 1987 ,2007
Crime no Expresso do Tempo, 1988 ; 1999; 2004; 2006
Destrava Línguas, 1988 ; 1997; 2006
Lengalengas, 1988 ; 1997 ;2005
Versos de Animais, 1988
O Disco Voador, 1989 ; 1990
Adivinha, Adivinha: 150 Adivinhas Populares, 1991; 1993; 1994;
2001; 2005; 2008
A Nau Mentireta, 1992
É Preciso Crescer, 1992
À Roda dos Livros: Literatura Infantil e Juvenil, 1993
Diário de Sofia & Cia aos Quinze Anos, 1994; 2001; 2005; 2007;
2009... Tem 13 edições
Os Ovos Misteriosos, 1994; 1998; 2000; 2002; 2003; 2004; 2005;
2006; 2007; 2007; 2008; 2008; 2009; 2010 - Tem 14 edições
O Rapaz e o Robô, 1995 ; 1998; 2001; 2002; 2004; 2006
S. O. S.: Animais em Perigo!..., 1996
O Casamento da Gata, 1997 ; 1999; 2000; 2001, 2004; 2007; 2008
25, 1999
A Gata Tareca e Outros Poemas Levados da Breca, 1999 ; 2000
ABC, 1999 ; 2000; 2001; 2003; 2005; 2007
Arca de Noé, 1999 ; 2006
Vou Ali e Já Volto, 1999
Conto Estrelas em Ti, 2000
Com Eça de Queirós à roda do Chiado, 2000
Com Eça de Queirós nos Olivais no ano 2000, 2000
Seis contos de Eça de Queirós (recontados) 2000; 2002; 2005; 2007;
2008
Mãe, Querida Mãe! Como é a Tua?, 2000 ; 2003 ;2008
1, 2, 3, 2001 ; 2003
A casa do silêncio, 2001
A flauta, 2001
Todos no Sofá, 2001,2007
Uns Óculos para a Rita, 2001
As Viagens de Gulliver (adaptação livre para teatro), 2002; 2010

Cores, 2002; 2007
Gente Gira, 2002; 2007
Histórias da Árvore dos Sonhos, 2002 (colab.)
Meu Bichinho, Meu Amor, 2002
O Rapaz que Vivia na Televisão e Outras Histórias, 2002; 2007
Tudo ao Contrário!, 2002
A Carochinha e o João Ratão, 2003; 2009
A Cavalinho no Tempo, 2003; 2010
Contos de um Mundo com Esperança, 2003 (colab.)
Contrários, 2003
Pai, Querido Pai! Como é o Teu?, 2003; 2008
Quem Está Aí?, 2003; 2008
Seis histórias às avessas, 2004; 2005; 2009 .. 4ª edição
A Festa de Anos, 2004
Se os Bichos se Vestissem como Gente, 2004
Contos Para Rir, 2005; ... 4ª edição
Abecedário Maluco, 2005; 2009; 2010 ...4ª edição
Histórias de Dedos, 2005; 2010
A Cidade dos Cães e Outras Histórias, 2005; 2009 .. 3ª edição
Antes, Agora e Depois, 2005; 2008
Não há Borracha que Apague o Sonho, 2005
O Maluquinho da Bola, 2005
Há Sempre uma Estrela no Natal, 2006
Lendas de Mouras, 2006
Uma Vaca de Estimação, 2006; 2010
A Árvore das Patacas e Sementes de Macarrão, 2007
Mais Lengalengas, 2007
Desejos de Natal, 2007
A Menina do Capuchinho vermelho no Séc.XXI, 2007
Onde Está?, 2007
A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas, 2008
O Canto dos Bichos, 2008
A Cigarra e a Formiga, 2008
Vamos Passear, 2008
O Planeta Azul, 2008
Novo Dicionário do Pai Natal, 2008
O Mar, 2008
Zé e as Estações, 2009
O Rapaz que Tinha Zero a Matemática, 2009
Os Direitos das Crianças, 2009
O Livro das Datas, 2009
No dia da criança, 2009
365 Piadas com Coisas Engraçadas, 2009
Comprar, Comprar, Comprar, 2010

Provérbios Ilustrados, 2010
Brincar com as Palavras, 2010

Participação em obras colectivas

O canibal vegetariano in *Histórias e canções em quatro estações*, vol 2 :Verão; 1988 (livro-cassete); 2ª ed. (livro-CD),2005

Conto estrelas em ti (participação com numerosos poemas), 2001

A casa do silêncio (participação com numerosos poemas), 2001

O Reinaldo – in *Histórias da árvore dos sonhos*, Gaia, Parque Biológico de Gaia e Ilha Mágica, 2002

O umbigo da Umbelina – in *Contos de um mundo com esperança*, 2003

Fábulas de La Fontaine - *Comentários*. Comentários a 12 Fábulas, 2005

Solidão – in *Solidão*, coord. de Voluntários da Associação Coração Amarelo, 2006

Com quatro pedras na mão: o Porto cantado por crianças e jovens. Pelo Bando dos Gambozinos.- 4 poemas incluídos, 2008

O sapo encontra um amigo em colaboração com os meninos da pré-primária do Externato Infanta D. Maria , Évora. Inclui um CD com letra da autora, 2009

Verso a verso : *Antologia Poética*, 2009 (com inclusão de vários poemas).

Participação em obras didácticas

Girassol - co.aut. com Maria Cândida Mendonça. Leituras para a 2ª fase-2º ano, ensino primário. 1976

Girassol - co-aut. Com Maria Cândida Mendonça. Fichas de trabalho para a 2ª fase-2º ano, ensino primário. 1977; 1978; 1980

O mundo é dos jovens (conto inédito) in *Língua Portuguesa, 8º ano*/ Maria Ascensão Teixeira, Maria Assunção Bettencourt. 2003

Prefácio, texto sobre Eça de Queiroz , texto sobre Gil Vicente , poema **O mar** (inéditos) in *Língua Portuguesa, 9º ano*/ Maria Ascensão Teixeira, Maria Assunção Bettencourt. 2000

Amiguinhos/ Alberta Rocha e outros (*Manual de língua portuguesa para o segundo ano*), 2004 (colaboração com numerosos textos inéditos)

Amiguinhos/ Alberta Rocha e outros (*Manual de língua portuguesa para o terceiro ano*), 2005 (colaboração com numerosos textos inéditos)

Amiguinhos/ Alberta Rocha e outros (*Manual de língua portuguesa para ao quarto ano*), 2006 (colaboração com numerosos textos inéditos)

Club dos cinco / Alberta Rocha e outros (*Manual de Língua Portuguesa para o primeiro ano*), 2007 (colaboração com textos inéditos)

Traduções

Basco

Gesur Ontzia (A Nau Mentireta) 1ªed., Donostia: Itzulpena eta Euskarazko Edizio, 1991

Catalão

El vaixell mentider (A Nau Mentireta) 1ªed., Barcelona: Pirene Editorial, 1991

Francês

Les oeufs misterieux (Os Ovos Misteriosos) 1ªed., Saint Pierre des Corps: Éditions Zarafa, 1994

Francês/Português

Les oeufs misterieux (Os Ovos Misteriosos) 1ªed., Paris: Éditions Lusophone, 2000

Galego

A Nau Mentireta (*A Nau Mentireta*) Vigo: Ir Indo Edicións, 1991

Neerlandês

De geheimzinnige eieren (*Os Ovos Misteriosos*)
1ªed., Mechelen: Bakermat Uitgevers, 2002

Prémios ao Autor

Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, 1996
pelo conjunto da obra

Prémios à Obra

Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, 1986 (*6 Histórias de Encantar*) pelo melhor livro para crianças no biénio 1984-1985

Grande Prémio de Literatura Infantil Maria Amália Vaz de Carvalho, 1973 (*A História da Papoila*)

“Luísa Ducla Soares é autora de uma grande obra destinada à infância, tanto em qualidade como em número de obras publicadas. Nos seus textos aparece um universo de valores caros ao desenvolvimento intelectual, moral, cívico e social das crianças. Por outras palavras, poderíamos dizer que esta escritora, que já tem assinados mais de 100 livros, oferece ao mundo infantil uma obra de relevo.”

“ Transmitindo uma sensibilidade intensa, Luísa Ducla Soares parece sentir-se profundamente atraída pela natureza das coisas e das pessoas. Deixando-se conduzir pela aventura de escrever, não imagina qual o peso que assumem na sua obra, os afectos, a razão, a imaginação e a intuição que povoam a sua interioridade.”

“Pautada por um elevado rigor estético e literário, a obra de Luísa Ducla Soares oferece um universo plural marcado, não apenas pela diversidade dos géneros literários contemplados, mas, igualmente pelas temáticas abordadas. Os textos de Luísa Ducla Soares assinalam uma reinvenção do maravilhoso com personagens, temáticas e cenários típicos do conto tradicional, que, harmoniosamente combinados com um humor genuinamente aliado ao *nonsense*, vêm sublinhar a diferença e a originalidade desta obra literária.”

Carina Rodrigues
Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro

Autobiografia

Uma autobiografia não é um curriculum vitae. Tem mais a ver com as vivências profundas e marcantes, as que iluminaram sóis, as que cravaram facas, as que abriram ou obstruíram rotas na vida de cada um. Pelo menos é assim que a entendo.

Nasci no ano em que eclodiu a II Guerra Mundial e passei toda a minha infância e juventude à beira do Tejo, mesmo em frente da Torre de Belém. As minhas mais antigas recordações estão ligadas aos depósitos de minas desactivadas junto do cais e à estrada de água azul onde os golfinhos ainda acompanhavam os barcos. O rio era a minha realidade mais presente, o meu horizonte de sonho.

Mas havia também a casa com seus personagens. Minha mãe, descendente de um estoniano e de uma francesa, provinha da alta burguesia industrial. Era um pilar de orgulho, eficiência, voluntarismo. Destacara-se como amazona, em concursos hípicas, e mantinha-me as rédeas curtas.

Meu pai escalara a vida a pulso. No dia em que ficou órfão, aos nove anos, decidi que havia de ser médico para poder salvar vidas. Valeu-lhe poder frequentar gratuitamente o Colégio Militar, como filho de um oficial do exército. Na faculdade estudou pelos livros de um colega, rico mas cábula, a quem ensinava o que lia. Aplicou injeções em farmácias, deu explicações, fez trabalhos de dactilografia até altas horas da noite. Idealista, empenhado nos problemas políticos e sociais, envolveu-se aos dezanove anos numa intentona contra o estado Novo, passando seis meses de reclusão no forte de São Julião da Barra, e ficando durante longos anos impedido de concorrer a concursos públicos. Foi atleta, escritor (mas destruiu a sua produção literária), inventor, clínico, investigador, professor catedrático. Mas para mim foi um herói, na sua humanidade.

Durante a infância e juventude, a única oportunidade de conversar com o meu pai, sempre super atarefado, era ir com ele ver doentes, de carro. Acompanhava-o até às enfermarias dos hospitais, esperava à porta de moradias, prédios, tugúrios e, pelo caminho, ouvia histórias do seu tempo de internato no colégio, anedotas, lengalengas, trava-línguas. Pela sua boca conheci os grandes poetas que amou e que recitava de cor. Ainda hoje me lembro dos textos empolgantes, iconoclásticos de 'A velhice do Padre Eterno', do 'Testamento do Árabe' de Gonçalves Crespo, de elegias de Alexandre Herculano. Não recomendaria estes textos e outros quejandos a uma criança

interessada em iniciar-se em poesia, mas a verdade é que a magia da oralidade, da partilha, nos tornou acessíveis e mágicos, na época. Com ele entrei pela primeira vez nas livrarias do Chiado e subi ao consultório de Pulido Valente, seu mestre, deslumbrando-me com as grandes figuras intelectuais que tive a oportunidade de conhecer: Aquilino Ribeiro, Abel Manta, Lopes Graça... Com Manuel Mendes, um dos frequentadores da tertúlia, havia de estabelecer mais tarde uma relação de proximidade e amizade, vindo a receber das suas mãos os caderninhos de capa preta do espólio de Raul Brandão, que decifrei.

Os meus irmãos, com 5 e 10 anos menos que eu, não foram naturalmente companheiros das mais pueris brincadeiras e ouvintes das minhas primeiras confidências. O mais velho, compenetrado e sério, desde cedo revelou uma brilhante propensão científica. Foi o melhor aluno de Portugal no ano em que completou os estudos secundários. Dávamos grandes passeios a pé, pescávamos à linha, imitávamos os equilibristas e mágicos do circo, fazendo espectáculos na salinha de estar... Para o mais pequeno, endiabrado e vivaço, dotado de múltiplos talentos, comecei a inventar histórias no início da adolescência. Como ele detestava os heróis tradicionais dos poucos livros existentes na nossa estante, criei personagens irreverentes, mirabolantes, divertidas, que se desdobravam em aventuras, ao longo de meses. Essa experiência de Sherazade de trazer por casa proporcionou-me uma grande experiência de contadora, que então estava longe de pensar que me viria a servir pela vida fora. Ainda hoje ele às vezes me pergunta por que não passo ao papel essas antigas narrativas.

Havia também a escola. Primeiro, a Queen Elizabeth School, para onde entrei aos 5 anos e que me familiarizou com a língua inglesa, criando em mim o sentido de auto-disciplina e a fascinação pelo nonsense, que alegremente tenho cultivado. Terminada a primária, inscreveram-me na École Française de Lisbonne, onde tive a sorte de ter como professora de português a Dr^a Ema Quintas Alves, pedagoga e seareira que me estimulou a escrever e publicar os poemas que então rabiscava. Breve seria porém a passagem por este estabelecimento de ensino, pois o dinheiro não abundava em casa, os meus dois irmãos iam aumentando os gastos e, afinal, mais próximo ficava o liceu, praticamente de graça e capaz de ensinar, no dia-a-dia, a democracia de nos darmos com toda a gente.

O D. Leonor era um palacete em ruínas, à Junqueira, onde chovia, as professoras pareciam dinossauros sádicos e tristes e só havia meninas, todas vestidas com batas cinzentas. Um polícia, nas proximidades, impedia que os rapazes do D. João de Castro se aproximassem das instalações. Foi aí que, a partir do 6º ano (actual 10º), tive como colega Fiama Hasse Pais Brandão, que vinha do colégio inglês de Carcavelos. Como eu, dedicava-se à escrita, comungava da mesma avidez de descobrir os escritores modernos, questionava tudo, deitava de fora as unhas da rebeldia. Foi a minha maior amiga da juventude, seguindo juntas para a Faculdade de Letras, que começámos a frequentar no velho edifício do Convento de Jesus. Era, segundo se dizia, a única Faculdade do mundo onde, para se entrar, se descia... O curso de Filologia Germânica, por que optámos, era uma amálgama de disciplinas sem nexos. Havia o Inglês sem mestre, dado pelo Prof. Gonçalves Rodrigues, o Grego em que um galante jovem latifundiário dava requintadas receitas de lagosta misturadas com um abecedário que nunca fixámos. Memorizava-se gramática comparativa das línguas germânicas que desconhecíamos, História de Portugal anterior à formação do país, etc., etc. O Prof. Délio Santos, teósofo, justificava a teoria da reencarnação por se recordar do guarda-chuva de Descartes. Valiam-nos os docentes dos outros cursos, David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Maria de Lurdes Belchior, Lindley Sintra. O Prof. Veríssimo Serrão, antes de inverter o rumo, juntava-se com alunos de esquerda, entre os quais me incluía, incitando a rebeliões. Embora estudasse com curiosidade e empenho, licenciando-me com 16 valores, tinha bem consciência de que a verdadeira formação que a universidade nos ministrava era o desenvolvimento de um espírito crítico em relação a ela própria, e o facto de nos proporcionar o encontro com colegas de diversas formações, apostados em reagir contra o status quo, em afirmarem-se pessoal ou colectivamente.

Inscrevi-me num grupo de teatro, num curso de italiano, de romeno, no Instituto Britânico. A biblioteca do British Council teve um papel decisivo na minha formação. De repente, passei a dispor da possibilidade de requisitar in loco, de encomendar de Inglaterra, as mais importantes obras da cultura inglesa. Lia então, compulsivamente, vários livros por semana. Dessa época me vem o apreço pelas bibliotecas públicas, pilares indispensáveis ao desenvolvimento, a que tanto me tenho

dedicado.

À volta da revista Grafia reuniram-se diversos jovens, alguns dos quais haviam de ser o núcleo de um movimento literário, a Poesia 61, constituída pela Fiama, pela Luiza Neto Jorge, o Gastão Cruz, juntamente com dois poetas alheios à Universidade, Casimiro de Brito e Maria Teresa Horta. Fiz parte desse grupo, estive para colaborar na publicação que editaram mas cheguei à conclusão de que algo de bastante profundo me distanciava do seu experimentalismo e, principalmente, dos ódios de estimação que nutriam por certos poetas, como José Régio.

Andava eu embrenhada na tese sobre o intrincado James Joyce (dificilmente aceite então como tema), quando se desencadeou a crise académica de 1962, que constituiu um forte abanão na consciência cívica dos estudantes. Eu provinha de um meio onde a incompatibilidade com o Estado Novo era permanente e participei activamente no movimento. A luta pelo Dia do Estudante foi, de facto, muito mais do que isso. Constituiu o acordar de uma letargia, o início de um novo ciclo que só poderia vir a terminar com o derrube da ditadura. Aí se formaram muitos dos que vieram a incarnar o espírito do 25 de Abril: Jorge Sampaio, Sottomayor Cardia, Medeiros Ferreira, Eurico de Figueiredo, Victor Vengarovius, Teixeira Ribeiro, tantos outros. Desfilei ao lado do Prof. Lindley quando este foi agredido pelas tropas de choque e com o seu sangue se pintou uma bandeira. Corri, entre as balas, perto da estação do Rossio, escapei às pinturas dos tanques de água azul, que marcavam os rebeldes. Saltei para autocarros em andamento quando os cães da guarda republicana nos perseguiram e fui presa, na R. Garrett, numa manifestação em defesa dum mediático estudante de Medicina, Eurico de Figueiredo. Após umas horas na sede da Pide, na R. António Maria Cardoso, conduziram-me para Caxias.

Depois de me fazerem passar pelo vexame de me despirem em público, num corredor, atiram-me para uma cela com mais 18 pessoas. A sobrelotação do estabelecimento prisional na época levou-me a conhecer a primeira mulher de Alexandre O'Neill, para lá esquecida, e numerosas camponesas alentejanas, muitas delas analfabetas. Em celas vizinhas, onde se encontravam os conspiradores do golpe militar de Beja, alguém comunicava, pelo código Morse, batendo, ao de leve, nas paredes. Nós, as universitárias, ministrávamos aulas de ginástica e ensinávamos a ler pelo manual da 1ª classe. As

alentejanas cantavam em surdina e contavam histórias de vida. Uma delas, de tão espancada, gemia no beliche, com o corpo macerado de hematomas. Até na violência havia classes e eram os pobres, os desprotegidos, a quem todo o contacto com o exterior era negado, as vítimas mais violentadas. No entanto, de todos os casos que aí conheci, um houve que nunca se me apagará da memória:

Era uma mulher idosa, ou que aparentava o peso dos anos pelos maus tratos da sorte. Viúva, envergava sempre saia e blusa negras, perfuradas. Não entravam na cela agulhas, linhas, tesouras para remendar. Nem sequer facas ou garfos lá entravam, apenas colheres para as refeições. Não teria ela outra roupa? Como se furara aquela?

Ela contou, com simplicidade. Fora em busca de um filho, quando a guarda ordenara o recolher obrigatório na aldeia onde ele trabalhava. Atingida por várias balas da Guarda, levaram-na para o hospital, desiludindo a família de qualquer esperança de sobrevivência. Então os filhos, tão míseros como ela, compraram-lhe um vestido para ser enterrada, mortalha que ela guardava num saquito pois queria dar-lhe o destino para que fora comprado. E usava a roupa crivada pelas balas.

Depois da prisão passei a interessar-me mais visceralmente pela política, casei com um dirigente académico, expulso da universidade, ligado à Seara Nova. Vivia do idealismo, não tinha frigorífico, nem rádio, nem televisão, sentava-me em cadeiras emprestadas... Poucos dias depois do casamento albergava em casa o Eurico de Figueiredo, então clandestino.

O primeiro livro de poemas que escrevi chama-se 'Contrato' e pretendia ser um contrato de amor e solidariedade para com os outros, principalmente para com os esquecidos, os oprimidos. Na minha casa se fizeram várias reuniões antifascistas, se engendraram planos, estratégias, iniciativas. O meu marido foi algumas vezes preso, ficou cego devido às agressões de um agente da Pide.

Como todos os democratas, sonhei com o derrube da ditadura, mas o dia 25 de Abril eclodiu, feliz na sua alvorada de hinos e cravos, no momento mais negro e dramático da minha vida.

O meu segundo filho, Francisco, tinha um cancro. Eu acabara de voltar com ele de França, numa das muitas tentativas para o salvar. Lá recebera o apoio da Maria Barroso, exilada, que

nunca deixou de me manifestar a sua amizade nos momentos difíceis.

Na noite de 25 de Abril meu marido não dormiu em casa, conhecedor do que estava em preparação. Toda a noite fiquei acordada, ouvindo o rádio. De manhã os telefones não paravam, os amigos explodiam de alegria. Quando fui pentear o meu filho, os seus caracóis muito louros vieram agarrados ao pente. A quimioterapia ia actuando... Ele ficou horrorizado. Então, seguindo o conselho do médico, que ia adiando, fui ao barbeiro e pedi que usasse a máquina zero. O Francisco olhou para o espelho e desatou a chorar.

Durante mais de um ano fui vivendo, sozinha, aquela morte anunciada. Corri hospitais, estive nas filas de espera da máquina azul do cobalto, acompanhei transfusões, apliquei sondas, oxigénio, morfina, inventei sorrisos, falseei esperanças. Vivi a raiva, a perplexidade, o descontrolo, a dor do meu filho mais velho que perdia o único irmão.

Senti então bem a situação da mulher, secundarizada, atirada para a retaguarda das realizações públicas, que os homens em grande parte monopolizam porque a família continua a ser, para muitos, um problema feminino.

Com desilusão e desgosto, comecei a constatar grandes incongruências entre certos mentores de ideologias progressistas que, na vida quotidiana, nas relações interpessoais, se comportam bem ao invés do que apregoam, e fazem da vida política trampolins para a visibilidade social, para a obtenção de chorudas vantagens. O pós-25 de Abril provocou rupturas profundas em camaradas e amigos de longa data, antes unidos contra um inimigo comum. Os partidos repartiram e partiram elos, amizades consideradas inabaláveis e eternas.

Felizmente absorveu-me o trabalho profissional. Fui tradutora, consultora de editoras, trabalhei em jornais, dirigi a revista Vida, passei pelo Ministério da Educação. Ingressei, há mais de um quarto de século, na Biblioteca Nacional, entusiasmada com o projecto de aí realizar a bibliografia da literatura infantil e juvenil portuguesa, em colaboração com Manuela Rego. Após dois anos de trabalho muito motivador, um novo director

confrontou-nos com a sua opinião de que a literatura infantil não interessava nem ao menino Jesus. No entanto, a actividade desenvolvida não foi em vão, conduzindo--me à investigação nesse campo que passei a dominar. Terá também contribuído para me ligar cada vez mais ao universo dos mais novos, como escritora? É bem possível.

Vim mais tarde a organizar na instituição mostras e exposições, e fui responsável pela Área de Informação Bibliográfica. Sinto a Biblioteca Nacional como minha verdadeira casa, com os seus três milhões de livros e documentos, as suas iniciativas culturais (não tão amplas como todos desejaríamos), os leitores atarefados, o seu jardim de verde e paz, os amigos que aí cultivei, como os jardineiros cultivam rosas no roseiral diante da sala de leitura.

Tenho igualmente mantido estreita colaboração com as bibliotecas municipais e escolares (actualmente centros de recursos multimédia), realizando sessões de dinamização da leitura.

Desde a pré-adolescência, nunca mais parei de escrever, embora o tempo sempre me tenha escasseado, pois não abdiquei da família nem da profissão.

Enchi cadernos de projectos (a maior parte dos quais não terei oportunidade de pôr em prática), atulhei gavetas de manuscritos, textos passados à máquina ou dedilhados directamente no computador. Fui editando uma boa parte do que realizei.

Aos vinte anos pensava dedicar-me à poesia, à prosa para adultos. Imaginava novelas e romances. Ser escritora de literatura para crianças era tarefa que só por brincadeira marginal entevia assumir. Com esse espírito escrevi A História da Papoila, minha estreia no género. Por sorte ou azar, pretendeu o SNI atribuir-me o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho pelo livrinho. Recusei-o, por motivos políticos, numa época em que a censura me ia cortando na íntegra muita colaboração para a página infantil do Diário Popular, que José de Lemos dirigia. Mas Saramago, então à frente dos Estúdios Cor, onde a obra saía, logo me convidou para publicar seis livros no ano seguinte. Aceitei, sem receio, o desafio, pois, desde os primórdios da mocidade, ganhara o jeito e o gosto de

contar histórias. Decerto esse convite me fez repensar a minha ligação à infância, cada vez mais estreita e íntima como mãe. Parecia-me que muito havia por fazer no domínio da literatura infantil em Portugal, que tantos, como o próprio Eça de Queiroz, consideravam uma útil ocupação para senhoras pobres e desempregadas. Sempre achei que para crianças só o melhor vale a pena, que é nelas que urge investir em todos os domínios.

A vivência trágica que tive com o meu filho Francisco, todas as experiências que compartilhei com os meus outros filhos me levaram a debruçar-me sobre a problemática da infância, da juventude e a desejar dedicar a minha vida, de certo modo, a todas as crianças. A falar, a rir, a brincar, a pensar, a desfrutar com elas, na intimidade de um livro, as potencialidades da língua portuguesa, da imaginação.

Não posso viver sem escrever. Pego numa lapiseira como se entrasse numa floresta desconhecida, aventurando-me pelas veredas que vou, no momento, descobrindo, deixando-me assombrar por imagens, palavras, situações. Raramente tenho o propósito de dar lições ou veicular mensagens. As professoras, os críticos se encarregam de descobrir nos meus livros teorias e valores que espelharão provavelmente a minha maneira de encarar o mundo. Essa rege-se por princípios que fazem parte integrante da minha personalidade.

Hoje, pedem-me para escrever uma autobiografia e, naturalmente, faço um balanço do que foi, do que é a minha vida.

Tenho 2 filhos, 3 netos, publiquei mais de 80 livros, deram o meu nome a escolas e bibliotecas, recebi prémios literários.

Pensava chegar a esta etapa e sentir que valeu a pena investir no que investi, pensava poder usar a prática sabedoria, que dizem que os anos trazem, para viver com feliz serenidade a vida que me resta, ao lado de quem me acompanhou neste percurso.

Ao invés, reflecto sobre o que é envelhecer numa sociedade tão consumista que as pessoas se tornam também objectos de consumo, com prazo de validade, que se deitam para a lixeira como os trapos que passaram de moda.

Reflecto sobre a situação da mulher, o abandono, a violência

física e psicológica que fazem de muitas delas, das mais insuspeitas, vítimas ultrajadas na mais rudimentar dignidade humana.

Talvez passe também a pôr a minha palavra ao serviço destas causas. Nunca é tarde demais para começar...

“Nos meus escritos procuro manter clarividência, mesmo nos momentos lúdicos, aparentemente de nonsense. Aposto, por exemplo, na passagem de testemunho dos valores da cidadania. Quanto à intuição, gosto de a fazer passar pelo crivo do pensamento crítico.”

Luísa Ducla Soares



www.dglb.pt

www.casadaleitura.org

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADsa_Ducla_Soares

<http://www.facebook.com/pages/Luisa-Ducla-Soares/167403031176>

CANDIDATURA APRESENTADA PELA

DGLB - DIRECÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS
BIBLIOTECAS / MINISTÉRIO DA CULTURA – PORTUGAL

DG
LB

DIRECÇÃO-GERAL
DO LIVRO E DAS
BIBLIOTECAS

Campo Grande, 83 – 1º 1700-088 Lisboa – Portugal
tel: + 351 21 798 21 43 - fax: + 351 21 798 21 41
internacional@dglb.pt www.dglb.pt